MEMÓRIA E LUTA PELA TERRA: O VALE DO JEQUITINHONHA – MG NAS PÁGINAS DO JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO (1977)

Lívia Rodrigues Canabrava
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0352-200X
Endereço eletrônico: liviacanabrava@gmail.com

José Alves Dias
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2236-9354
Endereço eletrônico: jose.dias@uesb.edu.br

Palavras-chave: Vale do Jequitinhonha; terras devolutas; Movimentos sociais.

INTRODUÇÃO

Este resumo integra a pesquisa de doutorado intitulada "*Terras de Ninguém": memórias dos conflitos sociais e das lutas camponesas pela posse de terras no Vale do Jequitinhonha (1970-2020),* em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). A pesquisa busca compreender os processos de expropriação territorial, os conflitos fundiários e as formas de resistência camponesa no Vale do Jequitinhonha - MG, tomando a memória como categoria central de análise para interpretar as disputas em torno das terras devolutas e dos projetos de desenvolvimento implementados ao longo das últimas décadas, principalmente a partir da implementação da monocultura de eucalipto na década de 1970.

Nessa perspectiva, o jornal *O Estado de S. Paulo* publicou, entre 28 de agosto e 4 de setembro de 1977, sob autoria do jornalista Ricardo Kotscho, uma série de reportagens intitulada *O Progresso Chegando ao Vale da Fome*, que, entre outras temáticas de cunho social, político, econômico e cultural, abordou os impactos do reflorestamento com eucalipto e da

mineração em terras consideradas devolutas pelo Estado no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. Nessa região, assim como em outras partes do Brasil, o modelo de desenvolvimento regional adotado caracterizou-se pela exploração intensiva dos recursos naturais e pela exclusão da população local dos benefícios gerados pelos grandes investimentos.

Nesse contexto, de acordo com André Bonsanto Dias (2014, p. 21), a imprensa configura-se como um importante lugar de memória, no qual diferentes narrativas disputam legitimidade e visibilidade. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo analisar fragmentos da série de reportagens publicada em 1977 pelo jornal *O Estado de São Paulo,* buscando compreender de que maneira essa cobertura jornalística contribuiu para a construção de uma narrativa sobre o Vale do Jequitinhonha na década de 1970 e para a constituição de uma memória social sobre o surgimento dos movimentos de luta camponesa, cujos sentidos ainda reverberam na contemporaneidade.

METODOLOGIA

Esta pesquisa fundamenta-se no diálogo teórico com as contribuições de Walter Benjamin, especialmente no que se refere aos conceitos de memória, história, experiência e narrativa, compreendidos como instrumentos para a construção de uma história "vista a partir de baixo". Nessa perspectiva, o sujeito do conhecimento histórico é constituído pelos grupos sociais oprimidos e pelas classes subalternizadas, cujas experiências foram frequentemente silenciadas pelas narrativas oficiais (Benjamin, 1994). A crítica do autor à ideia de progresso revelou-se fundamental para analisar como os projetos de modernização do campo alteraram modos de vida, relações de trabalho, formas de sociabilidade e vínculos territoriais historicamente construídos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A memória camponesa do Vale do Jequitinhonha emerge como contraponto à narrativa oficial do progresso, denunciando as contradições de um modelo de desenvolvimento que, em vez de integrar, excluiu. Deste modo, ao realizar o levantamento de fontes documentais que

pontuam a forma como a narrativa de progresso afetou a população rural, identificamos o jornalista Ricardo Kotscho, que na série publicada no jornal O *Estado de S. Paulo* em 1977, sintetiza essa tensão ao afirmar: "*O progresso no Vale é só dos estranhos que chegam."* Ao lado do fotógrafo Solano José, Kotscho percorreu diversas cidades do Vale e registrou diversas histórias de vida de seus moradores. Seu trabalho deu visibilidade a uma realidade até então invisível aos olhos do país: lavradores despojados de suas terras, famílias empobrecidas e comunidades esquecidas à margem de um projeto que se anunciava como a "redenção do Vale".

Ao centrar a análise nas experiências da classe camponesa, torna-se possível evidenciar não apenas os mecanismos de apagamento e esquecimento, mas também recuperar as vozes silenciadas, tomando-as como ponto de partida para a construção de uma "contra-narrativa" do desenvolvimento e para a reivindicação política do território. Como exemplo dessa perspectiva, apresentamos a seguir 2 narrativas sobre o progresso implementado no Vale do Jequitinhonha:

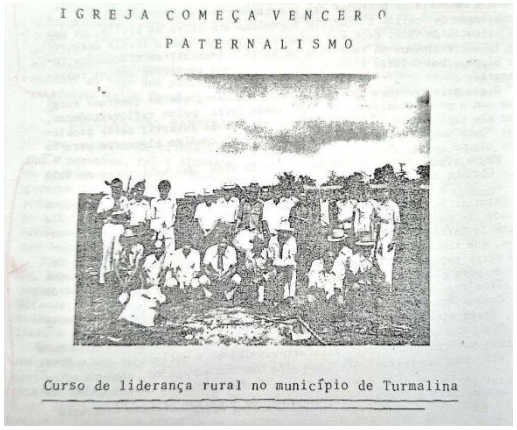
> [...]Disseram que tudo aquilo era terra devoluta, que eu tinha de provar a posse, ou iam jogar os tratores em cima. Eu sempre cuidei daquilo, plantei, tinha que provar a posse? E aquele pessoal que ninguém nunca tinha visto por ali, podia invadir minha terra? Ai, o que eu podia fazer com duas espingardas e eles com 14 tratores? "Eles", no caso era a Florestal Acesita S.A., uma subsidiária da Siderúrgica. Sem outra saída, Valdemar reuniu seus documentos, inclusive um de 1856 do registro paroquial, e entrou na justiça para provar que eram dele as terras onde sempre viveu com a família [...] "Eu mesmo arranquei mais de 200 mudas com as minhas mãos. O senhor não acha que eu estava no meu direito? (...). (O Estado de São Paulo, 28/08/1977, p.29)

O relato apresentado pelo senhor Valdemar Souza Santos, descrito na matéria, evidencia a forma como os conflitos fundiários se intensificaram com a chegada das grandes empresas de capital ao campo. A invasão de suas terras por 14 tratores da Florestal Acesita S.A., ilustra o avanço violento da monocultura de eucalipto sobre áreas tradicionalmente ocupadas por pequenos e médios proprietários rurais. Valdemar, mesmo sendo um proprietário com título de suas terras, teve que enfrentar o desafio de provar sua titularidade diante da alegação de que se tratava de terra devoluta. Porém, nem todos os camponeses da região tinham condições financeiras de recorrer à justiça.

Outra questão abordada na matéria é o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), organizações vinculadas à Igreja Católica que passaram a atuar no campo com o objetivo de conscientizar os camponeses sobre seus direitos. Segundo Santos e Oliveira (2025),

a atuação de padres, religiosas e agentes leigos provenientes da Europa foi fundamental para a consolidação do trabalho pastoral da Igreja Católica em diversas regiões do Brasil, especialmente no Norte e Nordeste.

Figura 01

	Dom Silvestre lembrou que a população do Vale foi sempre muito dependente da Igreja "e se encostou no bispo, nos padres, nas irmãs, para tudo: escolas, hospitais, alimentação, roupas". A população nunca se organizou para nada, afirma, e é disso que a Igreja cuida agora: 350 comunidades de Base já foram criadas e nelas se discutem problemas imediatos, desde a melhoria de estradas até a organização de cooperativas, ou instalação de caixas d'agua. De Turmalina até Salto da Divisa, na parte oriental do Vale, esse é o principal trabalho que a Igreja desenvolve (O Estado de São Paulo, 31/08/1977).

Fonte: SCANDIAN, Dom Silvestre Luis. A igreja começa a vencer o paternalismo. Entrevista concedida a Ricardo Kotscho. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 31 ago. 2021, p. 12.

As CEBs buscavam relacionar os ensinamentos do cristianismo e das Escrituras à realidade social vivenciada pelas populações locais, promovendo processos de organização popular e reflexão coletiva. Sobre os movimentos sociais no campo, na década de 1970, foram responsáveis por realizar um trabalho que evidencia a construção do protagonismo dos camponeses na reafirmação do pertencimento e na luta por direitos sociais. Em vez de reproduzir a imagem do Vale apenas como um espaço de carência e pobreza, essas comunidades passaram a constituí-lo como um território de resistência. Ao registrar a existência de 350 CEBs e os debates nelas travados sobre problemas sociais (como estradas, cooperativas e acesso à água), a matéria revela um movimento de politização e construção de contranarrativas a ideia de progresso implementada na região. Nesse processo, a organização popular deixa de ser invisibilizada e emerge como sujeito histórico. Essa visibilidade, ainda que parcial, evidencia

que "a consciência de fazer explodir o continuum da história é própria às classes revolucionárias no momento da ação" (2012, p. 229).

CONCLUSÕES

Diante das questões apontadas, partilhamos do posicionamento de Benjamin (2012), ao afirmar que o historiador crítico tem a responsabilidade de resgatar no passado as esperanças interrompidas, pois até mesmo os mortos podem ser "traídos" se a memória deles for apagada ou instrumentalizada pelos dominadores. Para o autor, o inimigo, representado pelas classes dominantes, pela lógica do progresso capitalista e pela barbárie, "não tem cessado de vencer". Nesse sentido, o resgate da memória torna-se uma prática política e ética, pois permite contrapor a versão oficial da história e romper com o ciclo de narrativas que evidenciam apenas a visão dos vencedores. Ao trazer à tona as experiências camponesas do Vale do Jequitinhonha, torna-se possível visibilizar, no meio acadêmico, o potencial de resistência presente nas lutas populares, reconhecer a força das mobilizações coletivas historicamente silenciadas e evidenciar o papel fundamental dos movimentos sociais na construção de direitos, na defesa dos territórios e na preservação da memória camponesa

REFERÊNCIAS

DIAS, André Bonsanto. **O presente da memória**: usos do passado e as (re)construções de identidade da Folha de S. Paulo, entre o "golpe de 1964" e a "ditabranda". 1. ed. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2014. eBook.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

SANTOS, C. F. dos; DE OLIVEIRA, F. S. (2025). As comunidades eclesiais de base e a educação de adultos em Vitória da Conquista: experiências e memórias (1970-1989). **Germinal: Marxismo e educação em Debate,** 17(1), 223–242. https://doi.org/10.9771/gmed.v17i1.64385

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de História. In BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas 1. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.